

SOCIOLINGUÍSTICA, FUNCIONALISMO E ENSINO: UMA ENTREVISTA COM EDAIR GÖRSKI

SOCIOLINGUISTICS, FUNCTIONALISM AND TEACHING: AN INTERVIEW WITH EDAIR GÖRSKI

Edair Maria Görski¹, Dennis Castanheira², Érika Ilogti de Sá³, Vinicius Maciel de Oliveira⁴

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0797-1243>
e-mail edagorski@hotmail.com

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>
denniscastanheira@gmail.com

³ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-9946-8038>
erikacis@id.uffl

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1729-1874>
viniciusmaciel@gmail.com

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

Nesta entrevista, conversamos com Edair Görski, grande referência nas áreas de Sociolinguística, Funcionalismo e Ensino, e uma das grandes responsáveis por sistematizar e popularizar o que se entende hoje como “Sociofuncionalismo” no Brasil. Ao longo da entrevista, abordamos questões centrais, como o desenvolvimento das duas teorias e a sua interface, seus principais trabalhos, as possibilidades de *corpus* e os possíveis desdobramentos desses olhares futuramente. Esperamos que seja uma efetiva contribuição para os estudos da área, configurando uma fonte para os interessados. Desejamos uma boa leitura a todos.

Entrevistadores – Você concluiu o Mestrado, em 1985, sob orientação de Anthony Naro, e, em 1994, concluiu o Doutorado com Sebastião Votre. Ambos são grandes representantes da Sociolinguística e do Funcionalismo no Brasil. Como desenvolver trabalhos com esses pesquisadores impactou a sua formação? Isso influenciou sua chegada ao Sociofuncionalismo? Poderia nos contar como ocorreu esse “casamento teórico” para você?

Edair Görski – No final dos anos 1970 e início dos anos 80, tive meu primeiro contato com a Sociolinguística, disciplina ministrada pelo Prof. Anthony Naro na UFRJ, e me encantei com a abordagem dada à questão da variação e mudança linguística. À

época, participei de um projeto de pesquisa sobre concordância verbal com *nós* e *a gente*, sob a orientação do Prof. Naro, com interessantes resultados, que foram, bem mais tarde, resgatados e publicados no artigo “Change without change”, na revista *Language Variation and Change* (Naro; Görski; Fernandes, 1999). Naquele momento inicial, instigada pelos desafios metodológicos da pesquisa empírica, parecia que minha formação acadêmica seguiria pelas veredas variacionistas labovianas. Mas houve um desvio de rota ao entrar em contato com a abordagem funcionalista – através do Prof. Naro e do Prof. Sebastião Votre –, especialmente ao ler o texto de Ellen Prince “Toward a taxonomy of given/new information” (1981), que tinha sido recentemente publicado.

Assim, durante o Mestrado, estive com um pé na Sociolinguística Variacionista e outro no Funcionalismo linguístico, refletindo a mudança por que passava o projeto Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro, organizado por Anthony Naro no final dos anos 1970, que, ao incorporar a linha de pesquisa funcionalista de vertente norte-americana (entre outras), passou a ser denominado Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL).

No momento de elaborar o projeto de dissertação, o lado funcionalista (cognitivo-comunicativo; ou semântico-pragmático) acabou falando mais alto. Cativada pelas narrativas de experiência pessoal nas entrevistas sociolinguísticas que constituíram o *corpus* do projeto de pesquisa sobre concordância verbal com *nós* e *a gente*, acima mencionado, e pelo status informacional dos referents nominais (Prince, 1981), desenvolvi a dissertação *Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais* (1985), com quantificação dos dados, sob a orientação do Prof. Naro.

Minha incursão pela pós-graduação ficou em suspenso por algum tempo, período em que me dediquei ao ensino na rede pública do Rio de Janeiro. Ao reingressar no Programa – final da década de 1980 e início de 90 –, intensifiquei meu interesse pelas questões de natureza funcionalista. A tese de doutorado, orientada pelo Prof. Votre, intitulada *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita* (1994), também teve uma amostra constituída por narrativas de experiência pessoal, dessa vez oriundas do *corpus* do grupo de pesquisa Discurso & Gramática, que, naquele

momento, desenvolvia o Projeto Integrado *Caraterísticas do uso da fala e da escrita – Iconicidade*, coordenado por Sebastião Votre. Na tese, busquei estabelecer correlação entre o nível semântico-discursivo e o nível da codificação linguística nas duas modalidades.

Em 1994, ingressei como professora efetiva na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), passando a integrar o projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), que, inspirado no projeto PEUL/UFRJ, se encontrava naquele momento na fase de organização de seu banco de dados, que foi constituído por 288 entrevistas sociolinguísticas coletadas em doze cidades de diferentes formações étnicas, quatro cidades por estado: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No Programa de Pós-Graduação em Linguística, passei a ministrar a disciplina de Sociolinguística e a orientar mestrandos e doutorandos nessa área, cujos trabalhos tomaram como amostra entrevistas do VARSUL e se voltaram à descrição de fenômenos em variação, com controle de variáveis linguísticas e sociais. A Sociolinguística Variacionista retorna então, com força, porém associada a explicações funcionalistas para os usos variáveis. Fenômenos como usos verbais em diferentes tempos e modos, conectores e marcadores discursivos foram estudados sob essa perspectiva, considerando condicionadores (variáveis independentes) de natureza funcional: status informacional, graus de conexão inter-oracional, paralelismo discursivo, entre outros.

Desse modo, minha formação na pós-graduação na UFRJ e minha atuação na pós-graduação da UFSC foram determinantes para minha chegada ao Sociofuncionalismo – interface que vem se fortalecendo ao longo do tempo, agregando aspectos sociais e cognitivo-comunicativos da língua em uso.

Entrevistadores – Nos anos 1990, parece ter ocorrido um aumento significativo das investigações sociofuncionalistas. Como você vê atualmente o cenário brasileiro em relação ao Sociofuncionalismo? Quais são os principais temas, desafios e tendências de abordagem?

Edair Görski – O primeiro ponto que gostaria de destacar é que, assim como a Sociolinguística e o Funcionalismo são plurais no sentido de que existem SociolinguísticaS e FuncionalismoS (mesmo que este último seja circunscrito à vertente norte-americana), também não existe, a rigor, o Sociofuncionalismo, mas SociofuncionalismoS, pois há diferentes viéses pelos quais se pode aproximar as faces social e funcional nesse tipo de abordagem integrada, por exemplo, pesando mais uma dimensão ou outra. Tavares (2003, p. 124) antevia a possibilidade de “existência não de apenas duas vertentes de pesquisa – um ‘sociofuncionalismo funcionalista’ ou um ‘sociofuncionalismo variacionista’ –, mas sim de uma multiplicidade delas”. Convencionou-se tacitamente, no entanto, usar Sociofuncionalismo, no singular, como uma espécie de denominação guarda-chuva que abriga tendências distintas de aproximação entre pressupostos das duas áreas de conhecimento.

Para situar o cenário brasileiro atual, é importante reiterar que o “flerte” entre a Sociolinguística e o Funcionalismo teve início em estudos do grupo do PEUL/UFRJ, ainda na década de 1980. Os trabalhos pioneiros desse grupo, à medida que passavam a contemplar níveis gramaticais além da fonologia, passavam também a considerar condicionadores sintático-semântico-discursivos. O *modus operandi* seguia basicamente os passos metodológicos variacionistas clássicos: escolha do fenômeno variável tomado como objeto de pesquisa; recorte do envelope de variação; levantamento de variáveis independentes a serem controladas; submissão dos dados a tratamento quantitativo; interpretação dos resultados à luz de categorias e princípios funcionalistas. Vale lembrar alguns desses estudos precursores: a expressão variável do sujeito pronominal, considerando graus de conexão discursiva (Paredes Silva, 1988); a ordem variável das palavras, levando em conta funções como contraste, foco, codificação de informação nova (Braga; Bentivoglio, 1988); formas alternativas de ordenação das cláusulas causais e suas funções na organização do fluxo informacional (Paiva, 1991); entre outros. Esse tipo de prática analítica se difundiu progressivamente ao longo dos anos 1990, sendo ainda produtivo hoje em dia, considerando também possíveis explicações sociais com base na estratificação dos falantes, ou diacrônicas com base em períodos temporais; além disso, alguns estudos consideram os gêneros discursivos.

Enquanto esse primeiro tipo de prática analítica opera basicamente com foco no direcional *variação* □ *mudança*, um segundo tipo de prática passa a ganhar impulso a partir dos anos 2000 com foco no direcional *mudança* □ *variação*, contemplando multifuncionalidade, trajetórias de gramaticalização e variação circunscrita a um domínio funcional (Görski; Martins, 2021; Görski; Paza, a sair). É nessa segunda perspectiva que se situa a publicação de Naro e Braga (2000) acerca da interface entre gramaticalização e variação, “casamento teórico” que podemos considerar firmado nos trabalhos de Tavares (1999; 2003), que, considerando o que é convergente, divergente e negociável, elaborou uma cuidadosa conciliação teórica e metodológica entre os dois campos. Assim como o primeiro tipo de prática analítica, este também vem aumentando significativamente no Brasil.¹ Em termos gerais, considera-se a trajetória de um dado item e sua multifuncionalidade (envolvendo expansões semântico-pragmáticas e categoriais); quando esse item adentra um domínio funcional que já é ocupado por outra(s) camada(s), passa a competir com ela(s) no desempenho daquela função – o que é conhecido na literatura funcionalista como “princípio da estratificação” (Hopper, 1991). Nessa etapa é acionado o modelo variacionista, que permite identificar o domínio funcional em questão como uma variável linguística e as camadas como formas variantes (Görski; Tavares, 2017).

Num apanhado de estudos que se identificam como (socio)funcionalistas, Görski e Paza (a sair) encontraram ainda um terceiro tipo de prática analítica associado a trabalhos que são basicamente funcionalistas – tratando de multifuncionalidade ou de gramaticalização (e não de variação) –, mas que utilizam alguns recursos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (na caracterização da amostra, no controle de fatores sociais ou na análise quantitativa).

Nos três tipos de prática analítica apontados, se percebem avanços consideráveis na dimensão funcional da interface, envolvendo discussões sobre domínio funcional,

¹Esse tipo de aproximação teórica entre variação e gramaticalização é também defendido na Sociolinguística Variacionista fora do Brasil: Poplack; Tagliamonte (2000); Poplack (2011); Torres Cacoullos (2011); entre outros.

concepção de gramática e de gramaticalização, escopo (gramatical ou não) dos fenômenos linguísticos estudados, entre outros tópicos. Esse parece ser um cenário relativamente bem estabelecido no âmbito do Sociofuncionalismo e retrata uma tendência comum nessa abordagem que associa pressupostos da Sociolinguística Variacionista, especialmente da primeira onda (Eckert, 2022 [2012]) e do Funcionalismo, com ênfase em discussões funcionalistas atuais.

Em relação a temas, num levantamento dos temas predominantes na interface destacam-se: categorias verbais, contemplando tempo-aspecto-modo/modalidade (TAM); sistema pronominal; conectores, considerando trajetórias de gramaticalização e variação; e marcadores discursivos.

Já como desafios para essa abordagem integrada, destaco a necessidade de (i) envidar esforços na construção de variáveis independentes complexas, que busquem captar o caráter multidimensional e gradiente dos fenômenos linguísticos em variação e mudança; (ii) ampliar e sistematizar as contribuições de uma abordagem sociofuncionalista para o ensino; e (iii) investir na dimensão social da interface (Görski; Martins, 2021; Görski; Paza, a sair). Considero ser esse último o maior desafio para a abordagem: buscar acompanhar os avanços na área de Sociolinguística neste século XXI, especialmente no que diz respeito à terceira onda variacionista (Eckert (2022 [2012])), que tem forte caráter interdisciplinar.

Em relação à dimensão social, já temos algumas incursões inovadoras em pesquisas sociofuncionalistas: Valle (2014) introduziu na interface gramaticalização/variação aspectos estilísticos e identitários no estudo de marcadores discursivos; Bragança (2017) propôs uma articulação entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico, a partir de reflexões sobre a expressão do futuro do presente; Görski e Valle (2021) discutiram a dinâmica significado social na gramaticalização, considerando que novos arranjos sociais podem atuar como forças motrizes para movimentos de gramaticalização entendida como extensão de funções; Sarate (2023) examinou a expressão variável do futuro do presente em dissertações de mestrado sob uma perspectiva estilístico-funcional no enquadre do gênero discursivo; Görski, Paza e Amaral (2023) propuseram uma noção de domínio sociofuncional, expandindo a

noção de domínio funcional; Amaral (2025) explorou a articulação das dimensões funcional, social e afetiva na construção do significado, tomando como estudo de caso o uso de –STE na comunidade virtual Tal Qual Dublagens; Sarate (tese em andamento) está sugerindo ampliar ainda mais a face social do Sociofuncionalismo de modo a abarcar aspectos ideológicos do campo social na análise da expressão verbal de futuridade em amostras de planos de governo.

Entrevistadores – Um dos desafios de uma pesquisa é a constituição e a seleção da amostra. Quais *corpora* podem ser trabalhados em uma investigação sociofuncionalista? Como você vê o trabalho com narrativas ficcionais, como textos literários, por exemplo, na análise da variação ligada ao discurso e à identidade?

Edair Görski – Acredito que, em princípio, não há restrição quanto a amostras em uma investigação sociofuncionalista, podendo envolver dados de fala e/ou de escrita, sincrônicos e/ou diacrônicos, de diferentes gêneros discursivos. Mas, claro, a seleção da amostra vai depender do objetivo do pesquisador e da natureza de seu objeto de estudo.

Quanto ao trabalho com narrativas ficcionais, acho bastante relevante, pois, embora funcionem como um simulacro na medida em que operam como uma (re)construção do real, permitem uma relativa aproximação do pesquisador aos modos de fala de uma época, ao contexto histórico, aos valores socioculturais, ao modo como a sociedade se enxerga etc. A título de ilustração, apresento, brevemente, dois estudos de natureza sociofuncionalista que tomam como *corpus* de análise textos literários.

Reis (2003) extraiu sua amostra de pesquisa da versão traduzida do romance *Vinhas da Ira* (escrito por John Steinbeck em 1939 e traduzido para o português por Herbert Caro e Ernesto Vinhaes em 1940). A autora analisou atos de fala não declarativos de comando na expressão do imperativo, considerando a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista, mediante a construção de uma variável independente complexa denominada graus de força manipulativa. Essa variável complexa reuniu um conjunto de variáveis individuais que receberam (cada uma delas) pontuação entre zero e 1, de modo que quanto maior fosse o somatório dos

pontos atribuídos às variáveis, maior o grau de força manipulativa: marcas de polidez, menção do manipulado, definitude do manipulado, proibitividade do imperativo, dinamismo da situação, previsibilidade da mudança-de-estado-de-coisas, estatuto verbal do imperativo – variáveis de natureza funcionalista; e simetria das relações interpessoais – variável de natureza socioestilística. O resultado atestou uma correlação entre o grau de força manipulativa e o uso das variantes verbais indicativa e subjuntiva para expressar o modo imperativo na fala das personagens, de modo que quanto maior o grau de força manipulativa maior o uso de indicativo.

Outro estudo ilustrativo é o de Görski (2020), que retirou suas amostras de duas obras infantis de Monteiro Lobato – *Reinações de Narizinho* (1931) e *Emília no País da Gramática* (1934) e analisou as formas pronominais de expressão da 1ª pessoa do plural (*nós/a gente*) e outros pronomes correlacionados, assumindo uma concepção de gramática que engloba tanto a relação regularmente estruturada e relativamente estável entre formas e funções/significados como a emergência e expansão de novos usos linguísticos em um processo de gramaticalização; bem como a premissa de que a dinâmica da língua em uso é socioestilística, pragmática e linguisticamente motivada. Os resultados mostraram que a variação pronominal – decorrente da gramaticalização de *a gente* – acontece não só na fala de diferentes personagens, como também na fala de uma mesma personagem e no escopo de um mesmo enunciado, motivada por fatores que dizem respeito ao contexto sócio-histórico de produção da obra, à biografia e posicionamento do autor, às características das personagens e seus papéis sociais e a outras particularidades de cada obra. O artigo ressalta a importância de se considerar, além de padrões gerais de usos linguísticos, também especificidades que podem contribuir para um melhor entendimento da dinâmica funcional da língua.

Se pensarmos em estudos diacrônicos, diferentes gêneros discursivos podem ser investigados, incluindo romances, peças teatrais, crônicas etc. Quando as obras apresentam, particularmente, sequências dialogais, se constituem em rico material para se captar usos inovadores e marcas identitárias, por exemplo.

Entrevistadores – Há, na literatura, muita discussão acerca da aplicação de determinadas metodologias e teorias no ensino de língua materna. De que maneira você avalia o cenário atual da aplicação de uma proposta sociofuncionalista no ensino? Essa pergunta leva a uma outra mais específica: na sua compreensão, como essa dimensão mais social e funcional da linguagem pode ser aplicada em turmas de Ensino Básico?

Edair Görski – Aqui voltamos à questão de que se trata de uma interface plural, que pode apresentar diversos ângulos de aproximação entre as dimensões social e funcional. Devo dizer que não tenho acompanhado sistematicamente aplicações didáticas de propostas sociofuncionalistas, portanto não tenho elementos suficientes para fazer uma avaliação consistente do cenário atual. Posso, contudo, tecer algumas considerações mais amplas a respeito disso.

Numa perspectiva sociofuncionalista, ao adotarmos uma concepção de língua heterogênea e de gramática como sistema adaptativo, estamos aproximando as dimensões social e funcional e estabelecendo uma base para a compreensão do modo como a língua e a gramática se (re)configuram a partir dos usos linguísticos. Entende-se que a *língua* (i) é um sistema heterogêneo, que decorre da estreita relação entre língua e sociedade (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; e (ii) tem duas funções principais que são correlacionadas – a função cognitiva/semântica de representação mental da experiência e a função comunicativa/pragmática de expressão do conhecimento/experiência –, além das funções de coesão sociocultural, afetiva/interpessoal e estética (Givón, 1993; 2001). Nessa ótica, pode-se dizer que “a língua é produto de práticas sociais que são temporal e espacialmente contextualizadas nas práticas comunicativas e engajadas dos sujeitos” (Severo; Görski, 2022, p. 187).

Além disso, entende-se a *gramática* como um sistema adaptativo, no sentido de que é dinâmica e sujeita a mudanças contínuas já que é resultado da interação social dos falantes. É nessa linha que Hopper (1987) formula a noção de “gramática emergente”,

uma estrutura fluida, moldada continuamente pelo uso cotidiano no discurso, portanto, aberta à variação e mudança. Nas situações comunicativas a recorrência de novos usos pode levar à estabilidade que, por sua vez, pode desencadear outras inovações, o que mostra o caráter dinâmico (e não estático ou estanque) da língua e da gramática.

É em situações comunicativas (de diferentes tipos) experienciadas pelos sujeitos que os signos linguísticos (de diferentes níveis) indexicalizam significados: semântico-pragmáticos (relacionados ao contexto de enunciação), sociestilísticos, identitários, ideológicos (relacionados a identidades, papéis, estilos e posicionamentos dos falantes). Essa teia de indexicalidades reflete o caráter social, histórico e interacional da linguagem, por meio do qual os signos linguísticos articulam significados em diferentes camadas, contribuindo para a produção e interpretação da realidade social.

Se olharmos para os estudantes como indivíduos situados sócio-historicamente – bastante sensíveis a identidade social, status e estilo, que eventualmente participam de movimentos de grupos, que carregam bandeiras etc. –, podemos pensar na juventude como potencial responsável por novos usos que podem desencadear processos de mudança (Görski; Valle, 2021). Saliento que a mudança, numa perspectiva sociofuncionalista, é entendida não só como substituição de uma forma linguística por outra no desempenho de uma dada função/significação, mas também como novas funções/significações ou alterações categoriais que uma forma adquire no uso. Nesse sentido, o trabalho com marcadores discursivos e com vocativos, por exemplo, pode abrir espaço para reflexões acerca da multifuncionalidade dos itens, das diferentes camadas de significado que eles indexicalizam etc., o que naturalmente leva à noção de heterogeneidade linguística, variação e mudança.

Quando o professor trabalha com o sistema pronominal, por exemplo, ao mostrar a trajetória dos pronomes *você* e *a gente*, está tratando de multifuncionalidade e gramaticalização. Quando mostra o ponto em que *você* passa a funcionar de forma intercambiável com *tu*; e que *a gente* passa a competir com *nós*, está tratando de variação. O mesmo procedimento se aplica a itens como *aí*, *onde*, *agora*, que podem ser vistos na perspectiva da multifuncionalidade (diacrônica ou mesmo sincrônica) e também da

variação, quando se propõe a intercambialidade com outros itens nos mesmos contextos. Esse também é um olhar sociofuncionalista.

Enfim, ao se adotar uma concepção de língua heterogênea como resultante de práticas sociais – tendo como função principal a representação e a expressão do conhecimento/experiência – e uma concepção de gramática funcional – segundo a qual coexistem regras relativamente estabilizadas e usos inovadores que podem vir a se convencionalizar –, assume-se que língua e gramática constituem fenômenos simultaneamente sociais e funcionais. Essa concepção permeia as práticas comunicativas cotidianas e pode/deve se estender também à esfera escolar. Pode-se dizer, portanto, que subjacente a uma metodologia de ensino de língua, está a concepção de língua e de gramática adotada. É essa concepção que vai orientar a prática pedagógica no Ensino Básico, de modo que diferentes fenômenos gramaticais, relacionados a diferentes práticas sociais, podem ser abordados sob essa lente.

Entrevistadores – Apesar de algumas críticas negativas, os PCN são citados por muitos linguistas como um “divisor de águas” e nesse documento encontramos, de maneira mais sistemática, propostas de trabalho com a sociolinguística, por exemplo. A BNCC, por sua vez, ampliou a discussão sobre ensino, no eixo de análise linguística, trazendo influências de diversas perspectivas teórico-metodológicas – como a Análise do Discurso, Linguística Cognitiva, por exemplo. Você considera que há um diálogo entre os documentos oficiais e o ensino de língua materna baseado numa proposta sociofuncionalista?

Edair Görski – Considerando as reflexões suscitadas pela questão anterior, considero que é possível, sim, estabelecer um diálogo entre os documentos oficiais e o ensino de língua materna baseado numa proposta sociofuncionalista, embora os documentos não façam menção explícita a essa interface.

No PCN de Língua Portuguesa destinado ao terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental (Brasil, 1988), encontramos referência (i) à *linguagem* como “atividade discursiva e cognitiva”, pela qual “se expressam ideias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais”; e (ii) à *língua* como “um sistema de signos

específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade” (p. 19-20; grifos acrescidos). Essa visão ineegrada de língua(gem) – no sentido de que sua natureza sociocultural não se desvincula de sua natureza cognitiva – se coaduna com a perspectiva sociofuncionalista, pois envolve as dimensões social e funcional dos usos linguísticos. Além disso, esse documento registra, alternadamente, os pares forma/conteúdo, forma/sentido e estrutura/sentido, o que remete ao jogo de relações entre formas e funções/significações – relações que são caras ao Funcionalismo (especialmente à noção de domínio funcional) e à Sociolinguística Variacionista (à noção de variável linguística). Não obstante, a questão da multifuncionalidade (uma forma e mais de uma função) aparentemente não é contemplada no documento; apenas a variação (mais de uma forma e uma função).

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), por sua vez, propõe, entre as competências específicas de *linguagens* para o Ensino Fundamental: “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (p. 63). Entre as competências específicas de *língua portuguesa*, menciona: “Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (p. 85). Ao mobilizar a ideia de construção histórica, social e cultural, de heterogeneidade linguística, de expressão de identidades, associada à (língua)gem, esse documento coloca em evidência o caráter dinâmico da língua.

Propostas didáticas sociofuncionalistas podem ser desenvolvidas em relação a práticas de linguagem voltadas à *análise linguística/semiótica*. No caso, cabe ao professor ter a sensibilidade de propiciar condições que permitam aos estudantes refletir sobre o funcionamento de usos linguísticos em práticas situadas. Nesse perspectiva, há muito a ser feito em termos de formulação de propostas pedagógicas para o ensino de língua.

Entrevistadores – Suas últimas apresentações e publicações giram em torno do papel social do Sociofuncionalismo, inclusive abordando a marcação de gênero. Pensando nos clássicos e na bibliografia mais atual sobre Sociofuncionalismo, qual caminho de leituras você indicaria para quem quer iniciar os estudos no Sociofuncionalismo?

Edair Görski – Vou apresentar as publicações por ordem cronológica, buscando selecionar trabalhos representativos que retratam, em termos teórico-metodológicos, a trajetória da interface. Outras indicações de obras, a depender dos interesses de possíveis leitores, podem ser encontradas nas referências bibliográficas dos trabalhos.

O artigo “Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística” (Tavares, 2013) mostra similaridades entre pressupostos teórico-metodológicos do Funcionalismo norte-americano e da Sociolinguística Variacionista; apresenta um levantamento de fenômenos variáveis do português brasileiro e de outras línguas que foram analisados em uma perspectiva sociofuncionalista; e propõe procedimentos metodológicos visando a uma abordagem integrada para fenômenos variáveis, considerando, em especial, a relação entre a variação morfossintática e o processo de mudança por gramaticalização.

O capítulo “Variação e sociofuncionalismo” (Tavares; Görski, 2015) apresenta um panorama mais amplo da interface. Com ênfase na questão da variação e mudança, expõe pressupostos teórico-metodológicos similares provenientes da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo linguístico norte-americano; discute alguns postulados divergentes entre as duas teorias; por fim, propõe uma abordagem integrada para os fenômenos linguísticos variáveis, ilustrando com uma aplicação prática.

O artigo “Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa” (Görski; Martins, 2021) mostra que, na interface sociofuncionalista, o tratamento teórico-metodológico teve sua fase inicial centrada em condicionadores funcionais de fenômenos variáveis, expandindo-se para uma fase de articulação entre gramaticalização e variação

em diferentes níveis da gramática; salienta que os estudos em interface também têm trazido a público resultados de estudos sobre fenômenos morfossintáticos, sintáticos e discursivos do português que têm ganhado terreno em discussões sobre ensino de língua.

O artigo “Por uma noção de domínio sociofuncional” (Görki; Paza; Amaral, 2023) aprofunda uma discussão sobre o lugar da dimensão social numa abordagem sociofuncionalista, especialmente no que diz respeito ao significado social; propõe uma articulação entre os domínios funcional e social representada por um modelo sociofuncional que envolve multicamadas de significado semântico-pragmático e social; e mostra a aplicabilidade do modelo numa prática analítica integrada de dois fenômenos em variação/mudança.

O artigo “Usos da perífrase *ir* + Infinitivo em dissertações de mestrado: um olhar estilístico-funcional no enquadre do gênero discursivo” (Sarate; Görski, 2023) articula a abordagem sociofuncionalista ao conceito de gênero discursivo, com foco em aspectos estilísticos associados à multifuncionalidade da perífrase e à variação entre *ir* (presente) + Infinitivo e *ir* (futuro) + Infinitivo; mostra que a dinâmica das relações entre formas e funções pode ser vista como recurso estilístico materializado em diferentes instâncias do gênero; e salienta que, a depender do tipo de amostra considerada, o indivíduo deve ter um lugar assegurado nas análises.

Por fim, o capítulo “Interface sociofuncionalista: estado da arte e desafios” (Görski; Paza, a sair) apresenta um balanço geral da interface, considerando a produção brasileira no campo; e sugere uma expansão da dimensão social de modo a acomodar na interface alguns dos avanços teórico-conceituais verificados na área da Sociolinguística na esteira de uma sociolinguística socialmente constituída.

REFERÊNCIAS

AMARAL, K. O. **Articulação das dimensões funcional, social e afetiva na construção do significado**: o caso de –STE na página Tal Qual Dublagens. 543f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília (DF): MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular** – Educação é a base. Brasília, DF, 2018.

ECKERT, P. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Tradução de Samuel Gomes de Oliveira, Lívia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan/jun. 2022 [2012].

GIVÓN, T. **English Grammar**: a function-based introduction. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

GIVÓN, T. **Syntax**: An Introduction. v.I, Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

GÖRSKI, E. M. **Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985. 165 p.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017, p. 35-63.

GÖRSKI, E. M. Variação pronominal em obras infantis de Monteiro Lobato: motivações socioestilísticas. **Revista Porto das Letras**, Vol. 06, Nº 01. p. 142-166, 2020. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/7972>

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A dinâmica do significado social na gramaticalização: desafios para uma abordagem sociofuncionalista. **Estudos da Língua(gem)**, v. 19, p. 183-207, 2021. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/8616>.

GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M.; AMARAL, K. O. Por uma noção de domínio sociofuncional. **D.E.L.T.A.** Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 39, p. 1-31, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/F9HfgMnHtvJV57ZwxrWG5Cr/?format=pdf>

GÖRSKI, E. M.; MARTINS, M. A. Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de

Língua Portuguesa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 52, n. esp., p. 173-197, jan.-dez., 2021.

GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M.. Interface sociofuncionalista: estado da arte e desafios. In: FREITAG, R. M. K.; BARBOSA, J. B. (org.). **Tendências da Sociolinguística brasileira**. A sair.

GRUPO DISCURSO & GRAMÁTICA. Disponível em:
pesquisa.discursoegramatica@id.uff.br

HOPPER, P. Emergent grammar. **Papers of the annual meeting of Berkeley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B.(ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-35.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta P. Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

NARO, A. J.; GÖRSKI, E; FERNANDES, E. Change without change. **Language Variation and Change**, 11, p. 197–211, 1999.

POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, H; HEINE, B. (org.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 209-224.

POPLACK, S; TAGLIAMONTE, S. The grammaticization of going to in (African American) English. **Language variation and change**, 11 (03), p. 315-342, 2000.
DOI: [10.1017/S0954394599113048](https://doi.org/10.1017/S0954394599113048)

PRINCE. E. Toward a taxonomy of given/new information. In: COLE, Peter (ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981, p. 223-255.

PROJETO VARSUL Variação Linguística na Região Sul do Brasil. Disponível em:
<https://www.varsul.org.br/>

REIS, M. S. dos. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo**: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista. 211f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SARATE, K. **Formas e funções na expressão de futuridade em dissertações de mestrado**: uma questão de estilo?. 214f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SARATE, K; GÖRSKI, E. Usos da perífrase *ir + infinitivo* em dissertações de mestrado: um olhar estilístico-funcional no enquadre do gênero discursivo. **Entretextos**, Londrina, v. 23, p. 290-312, 2023.

SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. Práticas linguísticas e gramáticas emergentes. In: OLIVEIRA, Mariânegela R. WILSON, V. (org.). **Discurso e gramática**: entrelaces e perspectivas. Curitiba: Editora CRV, 2022, p. 187-199.

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 248f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO**: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**. Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun., p. 27-48, 2013.

TAVARES, M. A. GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: Martins, M. A.; Abraçado, J. (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TORRES CACOULOS, R. Variation and grammaticalization. In: DÍAZ-CAMPOS, M. (ed.). **The handbook of Hispanic sociolinguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, p. 148-167.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Sobre os autores

Edair Maria Görski

Doutora em Letras e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde também cursou Licenciatura em Letras – Português/Inglês. Atua há 13 anos como docente na UERJ. Foi Professora visitante na New York University (NYU). Seu trabalho engloba várias temáticas relacionadas ao ensino de língua portuguesa para estrangeiros. É membro fundadora do Núcleo de Estudos sobre Ensino de Língua Portuguesa para Estrangeiros (NELPE), cadastrado no CNPq .

Dennis Castanheira

Graduado em Licenciatura em Letras (Português e Literaturas), com dignidade acadêmica Magna Cum Laude, Mestre em Linguística e Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense (UFF). No âmbito da Pós-Graduação, é docente credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, no qual é membro do GT de Ações Afirmativas, ao PROFLETRAS da UFRJ e à Pós-Graduação Lato Sensu da UFF. Lidera o projeto de pesquisa Uso e ensino de pronomes: questões sociofuncionais e textuais. É líder do Grupo de Pesquisa Língua em Uso e Ensino (LUE). É líder dos projetos de extensão Mulheres na Linguística: por um protagonismo feminino e LabMemes - Laboratório de Memes.

Érika Ilogti de Sá

Professora Adjunta de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), desde setembro de 2022. É docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - Linha 1 - da UFF - e da Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização) de Língua Portuguesa da UFF. É doutora (2015) e mestra (2009), em Linguística, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro PPGLing/UFRJ e graduada e licenciada em Letras Português-Francês (2006) também pela UFRJ. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Língua em Uso e Ensino (LUE) e membro do Grupo Discurso e Gramática (DeG) na UFF. Atuou como Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), de setembro de 2019 até março de 2024 e ainda como Professora temporária de Filologia Românica no Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ por três anos. Tem experiência nas áreas de Língua Portuguesa, Linguística, Filologia Românica e Crítica Textual, atuando, principalmente, com os Mecanismos Funcionais do Uso da Língua. Atuou por quinze anos no Ensino Básico, Fundamental e Médio, como professora de Língua Portuguesa, Produção Textual e Literatura.

Vinicius Maciel de Oliveira

Possui Graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Letras: Português - Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006), Especialização em Língua Portuguesa pelo Instituto Liceu Literário Português (2009), Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009) e Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Funcionalismo e Mudança Linguística. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.